Elisa Nunes Esteves

Universidade de Évora

Centro de Estudos em Letras (CEL- UÉ)

A Recepção de Juan de Mena em Portugal (sécs. XV e XVI)

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer à comissão organizadora deste Congresso o acolhimento favorável à minha proposta para participar neste evento, não sendo eu propriamente uma especialista na obra de Juan de Mena, e também o facto de me ser permitido intervir em português.

A circunstância de viver numa cidade portuguesa que tem sido lugar de passagem frequente para os que estudam a obra do poeta castelhano Juan de Mena foi o que em primeiro lugar me motivou para participar neste congresso. De facto, na Biblioteca Pública de Évora estão depositados preciosos exemplares de edições impressas dos séculos XV e XVI do poeta que agora celebramos. O mais frequentemente citado é o incunábulo 464, que contém a edição de Salamanca de 1481 (1486?) *do Laberinto de Fortuna,* identificado por Marcel Bataillon em 1946. Este e vários outros investigadores desde então deixaram o seu testemunho autógrafo sobre a consulta do exemplar, como foi o caso de I. S. Revah em 1951, de M. Kerkhof em 1976, da Profª Maria del Carmen Gordillo, aqui da Universidade de Córdova, em 1975 ou ainda o Prof. Antonio Odriozola, já nos anos 80, entre muitos que se têm interessado pela consulta deste que é considerado exemplar único conservado da mais antiga impressão do *Laberinto*.

É, contudo, mais extenso o espólio de edições antigas de Juan de Mena que se conserva na Biblioteca de Évora. Encadernado com o incunábulo 464 estão as *Coplas de los siete pecados mortales* e a *Coronación*, este último poema com referência a Toledo e data de conclusão de 1504 (incunábulo 465). Dos livros impressos no séc. XVI da mesma Biblioteca fazem ainda parte mais cinco volumes com obras de Juan de Mena. Quatro desses exemplares contêm o *Laberinto* e todos incluem a *Coronación* (e outras composições) e são edições de Sevilha (1517 e 1520), de Valladolid (1536), Alcalá de Henares (1566) e Salamanca (1582). Estão quase todos anotados, com marcas de leitura atenta por parte dos seus possuidores, nomeadamente sublinhados e comentários à margem dos textos. Não acontece isso neste último exemplar que mencionei, que é a compilação das obras de Juan de Mena editadas por Francisco Sánchez e publicadas por Lucas Junta em Salamanca, com se sabe. É um cativante “livrinho de bolso”, que está num excelente estado de conservação, edição rara segundo creio e que terá sido estimado por quem o possuiu. Para lá dos textos poéticos, sobressaem os paratextos (de Lucas Junta e de Francisco Sanchez) que são peças inestimáveis para se ter um cabal entendimento da recepção e valorização da obra de Juan de Mena no final do séc. XVI.

Os incunábulos de Évora, de que fazem parte outros livros salmantinos como o *Cancioneiro de Juan del Encina*, edição de 1496, a *Gramática* de Pastrana (1492) e os Dicionários bilingues de Nebrija (*Hispano-Latinum e Latino-Hispanicum*) de 1492 e 1495, bem como a colecção de livros impressos do séc. XVI são das mais importantes em Portugal, o que se explica pelo facto de a cidade ter sido desde cerca de 1490 e ao longo da primeira metade do séc. XVI oficialmente reconhecida como a segunda cidade do reino. Os biógrafos de D. João II dizem que Évora era a sua cidade preferida, D. Manuel e D. João III fizeram para lá deslocar a corte durante largos períodos. Este facto determinou a permanência também de mestres, escritores, poetas, artistas que viviam em torno da corte e da família real, e que certamente foram enriquecendo um património cultural que se manteve na cidade.[[1]](#footnote-1)

Tanto em Évora como em Lisboa conserva-se um importante espólio de edições antigas de Juan de Mena, a atestar que foi um poeta conhecido e lido em Portugal. Mas para além das preciosas provas físicas, temos algumas citações e referências que confirmam o reconhecimento do poeta em Portugal, nos sécs. XV e XVI, como autoridade literária e como erudito, no âmbito filosófico e didáctico-moral. A este respeito gostaria de recordar algumas personalidades portuguesas dessa época que de alguma forma manifestaram esse reconhecimento: do séc XV o Regente D. Pedro (1392-1449) e o filho, o Condestável D. Pedro (1429-1466); do séc. XVI Garcia de Resende (1470-1536) e Sá de Miranda (1487-1558).

São razoavelmente bem conhecidas as relações entre Juan de Mena e a elite cultural e política portuguesa no séc. XV, em particular os membros da família de Aviz, o Regente D. Pedro e o seu filho, o Condestável D. Pedro. O conhecimento e admiração do Regente estão bem expressos poeticamente numa composição de quatro oitavas e uma redondilha final, inserida no *Cancioneiro Geral* compilado por Garcia de Resende, em que, louvando-o pelo que conhecia das suas obras, lhe solicita o envio de outras que ele admite não ter visto ainda. Começa assim:

Do ifante Dom Pedro, filho d’el Rei dom Joam, em louvor de Joam de Mena

Nom vos será gram louvor

por serdes de mim louvado,

que nam sam tam sabedor

em trovar que vos dei grado.

Mas meu desejo de grado

a mim praz de vos louvar

e vós o podeis tomar

tal quejando vos é dado.

1. Dias, 1990, II, p. 87)

São várias as qualidades de Mena, “trovador sentydo”, enfatizadas por D. Pedro, nas três estrofes centrais do poema: o saber, a eloquência, a mestria poética (“creo nom terdes igual/ de consoar outro tal”), incluindo nos seus atributos o de “cronista abastante/em poesias trazer/ ou de novo as fazer”. Mena responde a D. Pedro e há ainda uma réplica final, numa composição mais curta em que este agradece os elogios do poeta castelhano.

O apreço por Juan de Mena enquanto autoridade poética, em particular no campo da temática amorosa, é perceptível ao longo de todo o volume de poesia colectiva compilado por Garcia de Resende. Esse estatuto de autoridade revela-se nas repetidas ocorrências do seu nome e na citação e glosa de versos seus, nomeadamente no longo debate conhecido como *O Cuidar e Sospirar*, onde temos mesmo a ficcionalização da sua voz poética intervindo no debate.[[2]](#footnote-2) Mais do que uma recepção favorável, deverá dizer-se que pela leitura do *Cancioneiro Geral* se confirma o “culto” (A. Dias, 1978, p. 9) por este autor e por outros, como Macías, Stúñiga, Rodriguez del Padrón e Jorge Manrique, por parte dos poetas portugueses.

Podemos imaginar sem dificuldade que D. Pedro transmitiu ao filho o apreço pelo poeta castelhano e que este terá cultivado essa admiração, no âmbito de uma relação até mais próxima, uma vez que pertenceu ao círculo erudito da corte castelhana no tempo de Juan II e do seu filho Enrique IV no período em que aqui esteve exilado (1449-1456). O jovem terá, aliás, causado forte impressão logo na primeira vez que aí chegou, como refere Rui de Pina ao relatar as circunstâncias em que, com quinze anos, foi enviado pelo pai na sua primeira expedição militar para auxiliar o rei castelhano Juan II, em luta contra a rebeldia dos infantes de Aragão:

(…) em seu recebymento lhe foy feyta honrra muy assynada; porque ElRey com toda sua Corte sahio ao receber, muy contentes, de ver hum Princepe em todo tam proporcionado, em que muyto acrecentava a graça das rycas armas em que hia vistydo. E despois de passarem alguns dias, em que d’ ElRey e dos grandes de seu Reyno, foy com muytas honras e festas tratado. (Pina, 1977, p. 695)

Há duas notícias históricas sobre contactos directos do Condestável D. Pedro com Juan de Mena, uma que diz respeito a uma doação (por razões que são hoje desconhecidas) de 10 000 maravedis, em 1455 (A. Dias, 1976, p. 22) e a outra que o coloca, nesse mesmo ano, em Córdova a assistir ao casamento da sua prima, D. Joana, com Enrique IV (N. Salvador Miguel, 2008, p. 142 e p. 146). A entrada da princesa portuguesa nesta cidade ocorreu em 20 de Maio de 1455 e o casamento terá acontecido logo nos primeiros dias de Junho. Entre as personalidades que assistiram ao casamento estão, para além de D. Pedro, o Marquês de Santillana e Juan de Mena. Conheciam-se portanto os três e sabemos que partilhavam o mesmo gosto pela poesia. Sobre as relações entre D. Pedro e D. Iñigo López de Mendoza, não será demais recordar a famosa Carta - Proémio que este último enviara ao jovem português alguns anos antes. Enfatizando a qualidade da poesia castelhana, enumera para o seu correspondente um largo elenco de poetas, onde não se encontra, é verdade, o nome de Juan de Mena, talvez porque, como sugere Juan Casas Rigall (2010, p. 87 e p. 150), o poeta cordovês estivesse implicitamente incluído no rol dos contemporâneos que eram do conhecimento de ambos:

(…) los que […] en estos nuestros tienpos han escrito o escriven cesso de los nombrar, porque todos me tengo por dicho que vos muy noble señor ayades noticia e conosçimiento. (Santillana, 2003, p. 659).

Pelo que conhecemos e estudámos da produção poética do Condestável D. Pedro, a sua admiração por Mena, a ter existido (e cremos que sim) dever-se-á sobretudo à sua poesia moral, didáctica e política e menos à lírica amorosa. Ao contrário do pai, o Condestável não o cita em nenhuma das suas obras. De resto, D. Pedro nomeia poucos escritores medievais preferindo citar os clássicos gregos e latinos.[[3]](#footnote-3) Estamos portanto perante uma recepção e valorização diferentes.

Os contactos entre o infante português e o poeta castelhano não se traduziram numa admiração explícita, embora não possamos deixar de registar a proximidade de artifícios poético-retóricos e de tópicos na obra de ambos. A começar, desde logo, pelo uso do verso de *arte mayor* e pela coincidência linguística, já que o poeta português assumiu a sua preferência pelo uso do castelhano, mas também no gosto pela poesia de temática moral e filosófica.

Nas suas *Coplas del menosprecio e contempto de las cosas del mundo* (1453-1454) D. Pedro repudia a inspiração das *Musas* do Parnaso:

Ydevos daqui, Musas, vos que en Parnaso,

Segund los poetas, fezistes morada,

(…)

Pues no sodes dignas daquesta jornada,

Nin vuestra ponçoña será derramada

Com la su dulceza en las venas mias,

Ca ser non me plaze de vuestra mesnada,

Ni soy omerista nin sigo sus vias.

(A. Dias, 1976, p.74)

Invoca Minerva (e mais adiante a *santa Musa,* nas glosas identificada como a *moral philosophia*) para melhor falar sobre a efemeridade dos bens terrenos, que nos desviam do caminho do Bem, e no carácter inconstante da Fortuna. A leitura das coplas iniciais do poema do Condestável sobre a Fortuna e as correspondentes no *Laberinto* de Mena permitem perceber uma convergência indesmentível na abordagem deste motivo tópico, ainda que Mena, ao contrário de D. Pedro, peça a inspiração de Calíope, uma das musas do Parnaso.

Já em *La Satira de infelice e felice vida (*1450-1453) se pode notar a incorporação da definição do género *sátira* dada por Mena no Comentário em prosa à *Coronación* (que por sua vez recuperava preceitos de Santillana): “(…) llamandole Satira, que quiere dezir reprehension con animo amigable de corregir” (Fonseca, 1975, p. 5)

Não encontramos pois nos textos do Condestável vestígios do entusiasmo que animou os poetas do *Cancioneiro Geral* pela poesia de Mena, muito menos pela poesia inspirada na paixão amorosa e centrada na análise dos diferentes estados emotivos do sujeito enamorado. D. Pedro rejeitara essa poesia de entretenimento, considerada inferior, optando definitivamente pela poesia superior, com um valor e uma utilidade moral. E, parece-nos, só esta poderá ter sido a via de aproximação à obra do poeta de Córdova.

A memória poética de Juan de Mena persistirá ainda ao longo do séc. XVI em Portugal, admitida explicitamente por dois autores portugueses que se fazem eco da forte impressão que o poeta cordovês deixara em Portugal: Garcia de Resende e Sá de Miranda.

Comecemos por este último, em registo epistolar. É numa Carta em verso, escrita em fins de 1529 ou princípios de 1530, dirigida a João Rodrigues de Sá de Meneses, seu amigo e também poeta da alta nobreza portuguesa, que encontramos a referência a Juan de Mena, associado ao Marquês de Santillana:

O marques de Santilhana,

Homem de braço e saber,

Antre a gente castelhana,

Da lança soía a dizer

Coas as letras que se não dana,

A quem o bom João de Mena

Fez grande coroação

Quando já tinha alta a pena,

Bem aparada inda não.

(Vasconcelos, 1989, p. 207)

Francisco Sá de Miranda escreveu esta Carta em vinte e cinco estofes de nove versos heptassilábicos, ou de *medida velha*. Várias questões se colocam a propósito da oportunidade e premência da citação do nome do poeta de Córdova, a começar pela dúvida se será meramente subsidiária, por ele estar indelevelmente associado ao poderoso Marquês de Santillana.

Não devemos perder de vista a natureza destas composições epistolares, verdadeiros artifícios de inspiração clássica, horaciana, que permitiam aos poetas e intelectuais desenvolverem, de modo doutrinário, tópicos a seu gosto. Neste caso, Sá de Miranda ocupa-se da crítica à aristocracia portuguesa, pouco dada ao exercício intelectual, com excepção do seu correspondente, que ele aponta como modelo e precursor desta via, evocando ainda com nostalgia o passado e temendo pelo futuro, que adivinha não muito favorável. O mal do tempo presente, e porventura do futuro, residia em todo o desconcerto provocado pelo luxo e abastança em que se vivia na época, procurando o poeta afastar a ideia, defendida por alguns, de que poderia resultar da dedicação às Letras. Daí a interrogação retórica: “Mas das letras ou perfumes, / donde véu o dano mais?”.

A Carta está eivada de referências a figuras exemplares da Antiguidade, filósofos, guerreiros, (como p. ex. César, Alexandre, Aníbal, Diógenes, Zeno, Platão). Os únicos poetas citados, para além de Píndaro e Safo, que pertencem ao paradigma anterior, só os dois castelhanos, Mena e Santillana.

A presença deste último é completamente justificada, tendo em conta que personifica o ideal de cavaleiro que Sá de Miranda aponta ao seu amigo: um cavaleiro nobre que alia o cultivo das Letras à prática das Armas. Constituirá a redondilha, incluindo explicitamente a menção à *Coronación,* uma ajuda para identificar a personalidade em causa? João Rodrigues de Sá de Meneses, o destinatário da Carta, não necessitaria desta ajuda. Era um poeta culto, viajado, conhecedor dos modelos poéticos do seu tempo e anteriores[[4]](#footnote-4). Não há, portanto, uma lógica de necessidade neste aparente *aditamento* (em sentido retórico).

Justificada que está a evocação de Santillana, a presença de Mena neste elenco ganha, parece-nos, um significado maior. Traduz claramente o reconhecimento do seu valor poético, aqui recordado por Sá de Miranda, a impressão ainda viva da sua poesia causada numa geração mais nova de eruditos, que não ignoram nem esquecem o seu legado, ainda que com um certo paternalismo ou condescendência. Assim interpretamos o epíteto usado por Sá de Miranda, referindo-se-lhe como “o bom João de Mena”.

A *Coronación* é adjectivada como “grande”*,* a pena “alta”. O juízo é valorativo, portanto. O último verso, “bem aparada inda não”*,* introduz uma nota discordante na avaliação favorável. Aceitamos a interpretação dada por Carolina M. Vasconcelos (1989, p.790), segundo a qual o poeta português estava implicitamente a manifestar a sua preferência por obras posteriores de Juan de Mena, talvez o *Laberinto*, na qual o apurar da pena se teria traduzido pela adopção do verso de *arte mayor*. Mas poderia ser também o apreço implícito pelo tratamento de outros temas, de maior fôlego moral e político.

Seja qual for a interpretação, o que me parece óbvio é que Sá de Miranda tinha um conhecimento alargado da obra de Juan de Mena e apreciava a sua poesia. Por isso o inclui na Carta, por convicção do seu alto estatuto poético. Cremos que a redondilha que lhe dedica exprime a dívida do Marquês de Santillana para com ele, porque, ao celebrá-lo na sua poesia, Mena lhe acrescentou a fama.

Alguns anos mais tarde também Garcia de Resende voltará a referir-se a estas duas personalidades castelhanas do séc. XV que tanto impacto tiveram no universo cultural português. Continuamos no registo poético, mas agora num bela crónica rimada intitulada *Miscelânea*.

Trata-se de um texto de memórias escrito pelo poeta e cronista já no final da sua vida, entre 1530 e 1533, na cidade de Évora, de onde era natural e onde morreu em 1536. Nele dirige-se a D. João III para evocar figuras e acontecimentos antigos e também do seu tempo. São aduzidas circunstâncias muito variadas da vida política, económica, social, religiosa, cultural. O âmbito geográfico ultrapassa em muito o espaço ibérico e mesmo as fronteiras da Europa, porque o cronista aborda largamente as novidades relacionadas com a expansão marítima, com os novos mundos e os povos e costumes exóticos que então se davam a conhecer.

A referência a Juan de Mena está presente numa estrofe onde se evocam outras figuras altas de Castela:

Vimos o grão sabedor

dom Anrique de Vilhana,

Joam de Mena o trovador

no cume, e o primor

do Marquez de Santilhana,

que saber, cavallaria,

que honra, que fidalguia,

que grandes filhos deixou,

de que casas os herdou,

de que rendas, e valia.

*(*Garcia de Resende, 1973, pp.357-358)

Ainda outros dois poetas castelhanos são referidos na *Miscelânea*: Jorge Manrique, indirectamente, porque apenas se explicita a grandeza da figura do pai e se recordam os versos do filho, que o celebraram “em estilo tam subido/ e de todos tam sabido” que o narrador se abstém de os repetir.[[5]](#footnote-5) O outro é Juan del Encina, numa estrofe dedicada a Gil Vicente e na qual é apresentado como precursor do teatro que o dramaturgo português terá desenvolvido em “estilo muy eloquente”*.*

Juan de Mena integra-se numa enumeração de três figuras, das quais o Marquês de Santilhana parece, uma vez mais, sobressair. A décima é constituída por duas quintilhas, a segunda é toda ela ocupada pelo elogio deste último, nomeadamente ao seu poder e à sua riqueza.

Aqui temos a evocação de Mena como “trovador/ no cume”: está entre os melhores, mas é passado. O aposto “trovador” remete-o irremediavelmente para o universo poético dos cancioneiros e para a produção lírica que o elevou a autoridade em matéria amorosa. Parece natural, também neste sentido, a lembrança de Enrique de Villena, autor da muito apreciada *Arte de Trovar,* com que abre esta estrofe dedicada aos eruditos castelhanos da primeira metade do séc. XV, se bem que aqui o intensificado adjectivo “sabedor” revele uma visão integradora e mais ampla da figura de Villena, extensiva certamente a outros saberes que não apenas os da poesia.

Tal como na *Carta* de Sá de Miranda, também na *Miscelânea* de Garcia de Resende Mena é lembrado e valorizado como poeta, D. Iñigo López de Mendoza como poderoso cavaleiro e homem de *saber*.

A obra de Juan de Mena terá tido a partir de meados do séc. XVI uma recepção mais restrita, talvez a círculos de eruditos interessados sobretudo no tratamento que deu a temas filosóficos, morais e políticos. A observação do espólio conservado na Biblioteca Pública de Évora parece apontar nesse sentido, com todas as dúvidas que subsistem sobre a história daquelas espécies, nomeadamente sobre os seus possuidores. Chamou-me particularmente a atenção o volume impresso em Valladolid, em 1536, que contém uma compilação das obras do poeta (*Las trescientas*, *La Coronación*, *Las coplas de los siete pecados mortales* *y otras coplas y canciones suyas*.). É um dos livros que apresenta mais anotações manuscritas e que tem o nome de um possuidor (?), Tomé C. da Gama Lobo, cónego e professor em Évora, na 1ª metade do séc. XVIII. O volume tem ainda a indicação da proveniência, a Livraria da Congregação do Oratório de Estremoz, uma ordem religiosa de vocação pedagógica, instalada em Portugal apenas no final do séc. XVII.

Este é um trabalho incompleto, as conclusões muito provisórias, mas parece-me que fundamentam a nossa convicção de que a poesia de Juan de Mena e os comentários e glosas que a acompanhavam despertaram um interesse duradouro em Portugal, ainda que o perfil dos seus leitores se tivesse alterado ao longo dos tempos.

No incunábulo 465 um desses leitores deixou registada, de modo lapidar, a sua avaliação: *poeta excelente*.

Referências bibliográficas

Casas Rigall, Juan (2010)*. Humanismo, gramática y poesia. Juan de Mena y los auctores en el Canon de Nebrija*. Universidade de Santiago de Compostela.

Cid, Isabel (1988). *Incunábulos e seus possuidores: análise da colecção de incunábulos da Biblioteca de Évora*. Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.

Dias, Aida Fernanda (ed.) (1976). *Condestável D. Pedro, Coplas del Menosprecio e Contempto de las Cosas Fermosas del Mundo*. Coimbra: Livraria Almedina.

Dias, Aida Fernanda (1978). *O Cancioneiro Geral e a poesia peninsular de Quatrocentos. Contactos e sobrevivência*. Coimbra: Livraria Almedina.

Dias, Aida Fernanda (ed.) (1990-1993). *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda (4 volumes).

Fonseca, Luís Adão da (ed.) (1975). *Obras Completas do Condestável Dom Pedro de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Garcia de Resende (1973). *Crónica de D. João I e Miscelânea.* Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Gascon Vera, Elena (1979). *Don Pedro, Condestable de Portugal*. Madrid: Fundacion Universitaria Española.

Marqués de Santillana (2003). *Poesías Completas* (ed. de M. M. Kerkhof y A. Gomez Moreno). Madrid: Clásicos Castalia.

Mendes, Margarida Vieira (ed.) (1997). *O Cuidar e Sospirar [1483*]. Lisboa: Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses.

Ribeiro, Cristina Almeida (ed.) (1993). *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, Lisboa: Editorial Comunicação.

Rui de Pina (1977)*.* Crónica do Senhor Rey D. Afonso V, in *Crónicas de Rui de Pina*. Porto: Lello & Irmão.

Salvador Miguel, Nicasio (2008). *Isabel, la Católica. Educación, Mecenazgo y Entorno Literário*. Alcalá de Henares: Centro de Estudios Cervantinos.

Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (ed.) (1989). *Poesias de Francisco Sá de Miranda.* Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

1. Não tenho neste momento elementos fundamentados que me permitam assegurar que este núcleo de obras de Juan de Mena está em Évora desde esta época, pode tratar-se de aquisições mais tardias, embora Isabel Cid (1988), no estudo que elaborou sobre os Incunábulos da BPE se refira a estas circunstâncias históricas para explicar a presença destes exemplares. Isabel Cid lembra ainda que na BPE foram integrados livros provenientes dos conventos extintos no período liberal. A biblioteca foi fundada pelo erudito bibliófilo Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas (1724-1814), que adquiriu ao longo da vida muitas espécies, em Portugal e no estrangeiro. Todos estes factores terão contribuído para dotar a instituição do 2º conjunto nacional de incunábulos do país. [↑](#footnote-ref-1)
2. Devem mencionar-se a este respeito os trabalhos de Aida Fernanda Dias, *O Cancioneiro Geral e a Poesia Peninsular de Quatrocentos* (1978), de Margarida Vieira Mendes, *O Cuidar e Sospirar [1483]* (1997) e de Cristina Almeida Ribeiro, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* (1991). [↑](#footnote-ref-2)
3. Macías, na *Satira de Infelice e felice Vida,* 1ª redacção de 1445-1449, tradução para castelhano entre 1450 e 1453, é uma rara excepção. No volume de obras completas do Condestável D. Pedro, de Adão da Fonseca, há um índice de autores citados onde é bem visível esta preferência. Confirma-o também Elena Gascón Vera. [↑](#footnote-ref-3)
4. Tem composições no *Cancioneiro Geral* que comprovam o seu conhecimento da literatura clássica, como é o caso da tradução de duas epístolas de Ovídio (*Heroidas*) [↑](#footnote-ref-4)
5. Na *Crónica de D. João II* Garcia de Resende conta que recitava as coplas de Manrique de cor para o rei e que este lhe lembrava sempre que era tão importante sabê-las como saber o “Pater Noster”. (1973, p.201). [↑](#footnote-ref-5)